

CAPÍTULO 8

EDUCAR COM ESPERANÇA: REFLEXÕES DE UM CAMINHANTE PELA INFÂNCIA EM ANGOLA

Leonel Pedro Dias dos Santos

Nascido 4.2.197, em Lisboa

RESUMO: A partir de uma escuta atenta e de um percurso enraizado em Angola, este artigo propõe reflexões sobre a urgência de repensar a educação no país. Com base numa entrevista conduzida por Dra. Janise com Leonel Pedro Santos — interlocutor que traz um olhar sensível, mas não institucional — o texto entrelaça vivências pessoais com desafios estruturais. A realidade da escola pública, os impactos da ausência afetiva e as limitações institucionais ganham aqui uma voz que propõe caminhos — sem negar a complexidade do terreno. Com referências a Henri Wallon e Célestin Freinet, o texto posiciona a educação como um espaço de escuta, reconstrução e dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Angola; Infância; Formação docente; Pedagogia afetiva; Ano Zero; Escuta; Políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Num país onde a infância ainda é muitas vezes invisível, pensar a educação exige mais do que indicadores: exige empatia. A Dra. Janise abre esta reflexão com um convite à escuta, ancorada na convicção de que é preciso dar lugar àqueles que vivem as realidades por dentro. Leonel Pedro Santos, seu entrevistado, não é educador de formação, nem fala em nome de uma instituição. Mas a sua experiência em Angola, o seu contacto com as escolas e o seu compromisso com a dignidade infantil fazem dele uma dessas vozes que não podem ser ignoradas.

Segundo a Dra. Janise, esta realidade só poderá ser transformada com escuta institucional e políticas articuladas, que considerem as vozes da infância como fonte legítima de conhecimento.

Neste artigo, construído a partir do diálogo entre ambos, partilham-se inquietações que atravessam a escola, a família e a comunidade. Ao fazê-lo, evoca-se não apenas os números — como os mais de 4 milhões de crianças fora do sistema de ensino — mas também aquilo que os números não

mostram: a ausência de escuta, a falta de afeto, e a urgência de dar às crianças de hoje os sonhos que tantas vezes foram negados às gerações anteriores.

UM OLHAR PESSOAL SOBRE EDUCAÇÃO EM ANGOLA

A taxa de fecundidade em Angola ainda está entre as mais altas do mundo — estimada em cerca de 5,1 filhos por mulher em 2023, com projeção de 5,0 em 2025. Mesmo assim, com um crescimento populacional estimado em 3,1% ao ano, o país enfrenta um desafio logístico, social e estrutural de proporções monumentais.

É importante reconhecer — e aqui é fundamental sermos justos — que com estas taxas de crescimento populacional, seria extremamente difícil, senão impossível, para qualquer país do mundo conseguir acompanhar esse ritmo, estaríamos a falar da construção anual de centenas de escolas e formação consistente de milhares de professores. Esta é uma equação de difícil resolução, agravada ano após ano por uma realidade demográfica que cava, quer queiramos quer não, um fosso cada vez maior entre o número de crianças e a capacidade do sistema de as acolher com qualidade.

Neste cenário, a Leonel Pedro Santos destaca que é necessário que todas as vozes — incluindo as da sociedade civil, das famílias, das igrejas, dos professores e até mesmo de quem escreve com o coração inquieto — se coloquem ao lado do poder público. Não se trata de buscar culpados, mas sim de somar forças. Só assim será possível pensar em soluções que não sejam apenas reativas, mas verdadeiramente transformadoras.

Como o próprio entrevistado afirma, não fala como especialista, mas como alguém que vive em Angola, ouve histórias, testemunha a luta diária das famílias e reconhece o potencial imenso das crianças que, quando escutadas, surpreendem com sonhos que só precisam de espaço para florescer.

ESCUTAR PARA EDUCAR

A escuta ativa é um elemento central. Em muitas comunidades, a autoridade do mais velho ainda prevalece — o que, por si só, pode ser uma riqueza cultural. Mas quando isso silencia sistematicamente as crianças, quando os alunos não têm espaço para expressar sentimentos ou opiniões, a aprendizagem torna-se mais difícil e menos significativa.

É por isso que precisamos de professores que não sejam apenas transmissores de conteúdos, mas também referências humanas e afetivas. Que olhem para os seus alunos não como estatísticas ou “problemas a resolver”, mas como vidas com potencial, com feridas e com sonhos.

Aqui ressoa a teoria de Henri Wallon, que defende que a construção do sujeito se faz na interação entre emoção e cognição. É preciso escutar antes de ensinar. Escutar o que a criança traz, inclusive na sua dor.

Muitos professores angolanos vêm de contextos marcados por privações severas: fome, ausência de afetos, abandono, abuso. Foram crianças que estudaram à luz de velas, que partilharam cadernos, que aprenderam a sobreviver antes de aprender a sonhar. Hoje, essas crianças cresceram — e estão na sala de aula.

É por isso que o seu papel é tão determinante. Porque conhecem, na pele, o que significa lutar por um lugar. O que se pede agora não é perfeição — é consciência. É necessário apoiar, formar e sobretudo cuidar desses educadores — oferecendo-lhes, talvez pela primeira vez, o que nunca tiveram: afeto, escuta, valorização.

ANO ZERO: UMA IDEIA SIMPLES PARA UM PROBLEMA COMPLEXO

Em algumas zonas do país, encontramos salas com alunos dos 8 aos 15 anos a aprenderem as mesmas coisas. Muitos nunca tiveram um livro, outros não sabem ler nem escrever. Nesses contextos, falar de progressões curriculares clássicas é quase ficção. Talvez por isso o entrevistado proponha uma ideia ousada: um “ano zero”.

Inspirado por pedagogos como Célestin Freinet — que defendeu a escola adaptada ao meio, à criança e ao tempo — o “ano zero” seria um espaço de nivelamento. Mais do que nivelar por baixo, trata-se de oferecer uma base sólida. Ensinar o básico: ler, escrever, contar. Com respeito pelo tempo de cada um, sem pressa, sem culpa.

É uma proposta que exige coragem política e escuta institucional. Mas talvez seja também uma chave para começar a reparar aquilo que tantos anos de exclusão social deixaram por fazer.

EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Modernizar a educação é importante — escolas digitais, robótica, inteligência artificial. Mas como ensinar código a quem não sabe assinar o nome? Como sonhar com inovação quando há crianças que vão para a escola sem comer?

A educação de que Angola precisa dever preparar para a vida. Valorizar a agricultura, a terra, a palavra, a solidariedade. Tornar o conhecimento útil, libertador. Fazer com que a criança veja sentido em aprender. E mostrar que é possível mudar o mundo, começando pelo seu quintal.

PROPOSTAS PARA O FUTURO

Dra. Janise sublinha a necessidade de ações estruturadas: programas de apoio emocional e formativo para professores; implementação de turmas de nivelamento como o 'Ano Zero'; e uma cooperação efetiva entre escola e comunidade. Estas propostas podem construir pontes entre o presente e o futuro da educação angolana.

CONCLUSÃO: UMA EDUCAÇÃO QUE ESCUTA E SEMEIA

A realidade educacional angolana é dura. Mas também está cheia de possibilidades. Cada sala improvisada é uma semente. Cada professor comprometido é um pilar. Cada criança que sonha é uma promessa.

Este artigo não é um parecer técnico. É um testemunho construído a partir da escuta entre a Dra. Janise e Leonel Pedro Santos — uma inquietação de quem vê, sente e caminha junto. A transformação não virá apenas por políticas públicas. Ela virá também da coragem de reconhecer fragilidades e da decisão coletiva de proteger os menores.

Educar é escutar. É acolher. É fazer brotar esperança onde antes havia apenas silêncio. Enquanto houver sonho, haverá caminho.

Dedicado à Dra. Fernanda Bravo,
Que fez da escola pública o seu ponto de partida —
e da educação, a sua missão de vida.
Mulher de coragem serena, que soube ensinar com
firmeza e cuidar com doçura.
Porque acreditou nas crianças quando poucos
acreditavam. E porque continua a ser farol onde
muitos ainda procuram caminho.